



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**SAMARA PIRES SANTOS**

**UM ESTUDO SOBRE AS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NA  
TRAJETÓRIA DE CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA PARTICULAR  
“PINGO DE OURO” NO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO-BA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**SAMARA PIRES SANTOS**

**UM ESTUDO SOBRE AS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NA  
TRAJETÓRIA DE CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA PARTICULAR  
“PINGO DE OURO” NO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO-BA**

Projeto de pesquisa apresentado para aprovação no curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Campus dos Malês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelle Cirne.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**SAMARA PIRES SANTOS**

**UM ESTUDO SOBRE AS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NA  
TRAJETÓRIA DE CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA PARTICULAR  
“PINGO DE OURO” NO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO-BA**

Projeto de pesquisa apresentado para aprovação no curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Campus dos Malês.

Data de aprovação: 01/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelle Cirne Ilges (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Zelinda Barros**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Marlon Marcos Passos**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA DE PESQUISA</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>6</b>
2.1	GERAL	6
2.2	ESPECÍFICOS	7
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>7</b>
<b>4</b>	<b>REVISÃO TEÓRICA</b>	<b>8</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>12</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>15</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa tem como finalidade o estudo das intervenções psicopedagógicas direcionadas às crianças autistas na educação infantil na escola Pingo de Ouro, que é uma escola da rede privada de Santo Amaro-BA, na região do Recôncavo Baiano, com a intenção de entender, estudar, observar melhor a aplicabilidade dessas intervenções. Pingo De Ouro é a escola onde eu estudei desde a 2ª série do fundamental, até me formar no ensino médio e onde atualmente trabalho como auxiliar de classe. O tema me chamava atenção desde a época em que eu era aluna, sempre muito interessada em aprender a lidar com as crianças, passei a observá-las, e assim sempre tinha um ou outro mais afastado, mais fechado, ou mais sensível, o que me deixava curiosa sem saber o porquê, ainda mais que há alguns anos a identificação desses alunos autistas era mais demorada, o que pretendemos estudar mais à frente.

Trabalhando e convivendo com os alunos pude conhecer e vê-los mais de perto, assim como acompanhar o crescimento do número de crianças autistas em sala de aula, então vim me perguntando com o passar do tempo: a identificação desses alunos que era demorada ou nós que não sabíamos do que se tratava, pela falta de informação, principalmente? Assim fui me interessando ainda mais pelo assunto e pela pedagogia, área em que pretendo fazer a licenciatura e que venho trabalhando de perto. Com isso, passei a pensar e pesquisar sobre as intervenções pedagógicas e sua eficácia em sala de aula, o que faz toda diferença no aprendizado da criança e assim facilita a observação do professor com o aluno.

Neste ano de 2022, em um novo documento do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), a médica Dra. Fátima Rodrigues Fernandes afirma que uma em cada 44 crianças é autista. Os dados do CDC são usados como referência no Brasil nos estudos sobre o autismo há mais de 20 anos (Fernandes, 2020).

O transtorno de espectro autista (TEA) se refere a uma série de condições neurológicas, caracterizadas por algum grau de comportamento social dentro das características do transtorno, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva, influenciando no seu modo de vida, modo de pensar e encarar as coisas ao seu redor, conseqüentemente, no sistema de ensino-aprendizagem. O

TEA começa na infância e tende a persistir na adolescência e na idade adulta. Na maioria dos casos, as condições são aparentes durante os primeiros cinco anos de vida. Diagnosticar precocemente o autismo ajuda a melhorar as habilidades sociais e de comunicação da criança.

A intervenção pedagógica é uma interferência no processo de ensino-aprendizagem, realizada pelo professor quando se identifica alguma dificuldade nos alunos. Afirmado de outra maneira, é uma forma de aplicar iniciativas para superar obstáculos na construção do conhecimento, que é a base orientadora da vida do professor, principalmente no cumprimento da sua função.

## **2 PROBLEMA DE PESQUISA**

Buscarei compreender como as intervenções psicopedagógicas ajudam no desenvolvimento e inclusão dos alunos do espectro autista no sistema oficial de ensino, ou até que ponto as intervenções psicopedagógicas podem facilitar e ajudar na capacitação de alunos portadores do TEA. Como essas intervenções ajudam no desenvolvimento social, no desenvolvimento de suas falas e melhoria de suas habilidades e no convívio com os colegas em sala e nas atividades do dia a dia.

Pergunta de pesquisa: de acordo com as observações feitas dos alunos autistas na escola Pingo de Ouro em Santo Amaro, quais os suportes psicopedagógicos necessários para a inclusão e avanço desses alunos nos tópicos citados a cima?

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

Esse projeto de pesquisa tem como propósito observar, problematizar e conhecer as intervenções pedagógicas ligadas aos alunos autistas e sua importância para o processo de ensino-aprendizagem na escola Pingo de Ouro no município de Santo Amaro.

## 2.1 ESPECÍFICOS

1. Conhecer as intervenções pedagógicas para os alunos autistas na escola Pingo de Ouro no município de Santo Amaro.
2. Entender as necessidades das intervenções pedagógicas para os alunos autistas e sua inclusão no processo do ensino da escola Pingo de Ouro no município de Santo Amaro.

## 3 JUSTIFICATIVA

É de conhecimento geral a relevância das intervenções pedagógicas para alunos autistas em sala de aula e ter um docente interessado em aproximar as metodologias teóricas à prática de sala de aula é de suma importância. Quando falamos de crianças atípicas, o docente, o ambiente escolar e as aulas na prática têm que estar inseridas na rotina dessas crianças, como forma de inseri-las na vida escolar, no sistema de ensino e, conseqüentemente, proporcionar uma qualidade de vida regular, fazendo com que, dentro das suas especificidades, adquiram conhecimento e desenvolvimento de suas habilidades sociais e pedagógicas.

As intervenções pedagógicas visam garantir esse acesso ao conhecimento e desenvolvimento saudável e contínuo das crianças. O referencial Curricular Nacional para a Educação infantil fala sobre a importância dessas articulações feitas pelos professores em outras áreas, o que ajuda no conhecimento do modo de entendimento de cada criança e suas necessidades. Escolhi esse tema a fim de deixar claro a importância de cada uma delas, na assimilação, orientação e compreensão para os discentes, assim como da parceria e engajamento do docente com o aprendizado e desenvolvimento do aluno e seu progresso ao longo da sua vida escolar.

Os professores, como profissionais responsáveis pela direção e aprendizado dos seus alunos, precisam estar aptos a refletir sobre a aplicabilidade de suas práticas pedagógicas, assim como os pais em observar o progresso de seus filhos após a intervenção dos professores com as adaptações feitas, a exemplo disto o uso de materiais instrucionais, como data show, materiais de pintura, laboratórios, ou

objetos sensoriais e que despertem a curiosidade e atenção desses alunos.

Diante desse estudo, senti-me motivada a refletir, entender e pesquisar sobre como as intervenções pedagógicas, feitas pelos professores na rede privada de ensino acima citada, vêm fazendo esse trabalho de ensino junto a esses alunos atípicos e como a vida escolar destes vêm sendo impactadas com a aplicabilidade de metodologias de ensino inclusivas.

#### **4 REVISÃO TEÓRICA**

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, que pode ser caracterizado também por um conjunto de sinais que podem surgir desde os primeiros meses de vida da criança e podem estar ligados a dois pilares: a comunicação e o comportamento, podendo ser repetitivos e estereotipados. E para diagnosticarmos alguém a pessoa precisa apresentar alguns dos sintomas: seja a dificuldade de comunicação, de iniciar e manter um diálogo, seja a dificuldade de interação e ou interesses restritos.

As intervenções psicopedagógicas são uma grande aliada no que tange aos interesses dos autistas, pois buscam a aprimoração e evolução dentro da especificidade de cada um.

Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo, perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para o nosso saber e ignorância [...] (Bosa, 2002, p. 13).

A educação para autistas nas escolas é pauta em diversos debates, com os pais, os psicopedagogos e os responsáveis nas escolas. É de suma importância a inclusão dessas crianças, porém ainda não se sabe ao certo como colocar isso em prática, visando a melhor forma de ensino e socialização geral dessas crianças.

As pessoas com deficiência têm o direito de usufruir dos bens sociais, como a educação, assim como qualquer outro cidadão. Já que a educação é e

deve ser vista como um direito de todos, um sistema educacional inclusivo deve garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os alunos. No entanto, para a real inserção das pessoas com deficiência e necessidades educacionais especiais, no contexto escolar, são necessárias a definição e a execução de políticas públicas que tragam regulamentações, ações, orientações e que garantam investimentos para a educação especial numa perspectiva inclusiva (Miranda, 2003; Mantoan, 2006).

É de suma importância estar por dentro desses conceitos, em especial da educação inclusiva: a educação inclusiva é uma modalidade de educação que inclui alunos com qualquer tipo de deficiência ou transtorno. Um dos objetivos da inclusão escolar é o de sensibilizar e envolver a sociedade, principalmente a comunidade escolar.

Uma das tarefas centrais da escola é proporcionar a formação de cidadãos capazes de elaborar e realizar seus projetos de vida e preparados para assumir seu papel na sociedade. Tal proposta coloca os estudantes, desde cedo, no seu devido papel, ou seja, adquirir a autonomia. (Soares, 2005b).

Tornar autistas pessoas independentes é um sonho da família e uma grande lição para a escola. Alguns pais demoram a matricular seus filhos nas escolas pois não se sentem seguros, em relação a forma como serão tratados pelos colegas, o nível de profissionalismo e entendimento dos profissionais para com pessoas autistas e principalmente se eles serão devidamente incluídos naquele espaço.

A implantação das leis que regem os métodos e as formas de inclusão no Brasil, provocou transformações importantes na concepção de inclusão social na sociedade brasileira. Com maiores investimentos do estado nas condições de vida, na educação e participação social destes sujeitos, que articulados aos desejos já inculcados nas pessoas com deficiências e suas famílias. É possível perceber um ambiente notoriamente inclusivo. Nessa direção, “o simples fato de o aluno frequentar a escola, tendo a oportunidade de conviver com os demais colegas e professores, justificaria sua permanência em sala de aula. Negligencia-se a construção do conhecimento em prol da socialização do sujeito. (Hattge; Klaus, 2014, p. 329).

Algumas pesquisas e dados mostram que as crianças com TEA podem ter dificuldades na área da comunicação, intelectual, na interação social, na área comportamental e no cognitivo, sendo assim essas dificuldades são divididas em graus, (leve, moderado e severo) isso vai variando de criança para criança.

Crianças com TEA podem apresentar graus variados de deficiência intelectual (leve, moderado e severo). Geralmente as crianças não verbais apresentam indicadores de deficiência intelectual moderada a severa. Há indivíduos com TEA sem deficiência intelectual que podem apresentar habilidades cognitivas preservadas, como, por exemplo, habilidades visuoespaciais. Por outro lado, pessoas na mesma condição apresentam dificuldades ou déficits em habilidades de memória de trabalho, dificuldade para organizar e processar informações e para estabelecer prioridades para a execução de tarefas. Muitos desses prejuízos cognitivos associados a problemas de comportamento e de comunicação interferem consideravelmente na adaptação de uma criança à escola e a contextos sociais e familiares em geral. Elas apresentam dificuldades para resolver problemas da vida diária, para comunicar-se de maneira eficaz, para manter relacionamentos sociais e para lidar com imprevistos e dificuldades diárias. Em nível variado, as crianças podem ter dificuldades. (Khoury; et al 2014, p.19).

Segundo os mesmos autores,

a comunicação não verbal é uma das habilidades que o ser humano desenvolve antes mesmo de desenvolver repertórios verbais. A linguagem é necessária para as relações sociais e para a aprendizagem, assim como ajuda a interpretar expressões faciais. Crianças com TEA apresentam prejuízos na comunicação, tanto na linguagem verbal quanto na não verbal. Muitas das vezes, não conseguem entender expressões emocionais, gestos, símbolos e metáforas. (Khoury *et al.* 2014, p.15 -16).

15 a 20% das crianças autistas são não verbais, ou apresentam atraso na fala, o que acaba sendo um problema de sociabilidade. Uma criança nível 3, que é considerado um autismo severo, pode apresentar dificuldade de comunicação, e não ter nenhum problema intelectual, alguns não dialogam com outras pessoas, mas conseguem ler normalmente.

Os seres humanos são essencialmente sociais, ou seja, vivem e pertencem a vários grupos, relacionam-se com diferentes pessoas o tempo todo. Por meio dessa socialização são passadas as regras da sociedade e, assim, são aprendidas as maneiras adequadas de comunicar-se, de aprender e de desenvolver-se. Interação Social Comunicação Comportamento Para interagir efetivamente com as pessoas, são necessárias habilidades sociais que englobam a capacidade de dividir espaços com outros de maneira adequada, de adaptar-se a diferentes contextos e de interpretar pensamentos e desejos dos outros. Dessa maneira, percebe-se o quanto essa habilidade é essencial para a interação, mas também para comportar-se adequadamente em diferentes contextos como a sala de aula e o ambiente de trabalho, entre outros. As crianças com TEA apresentam dificuldades em socialização em diferentes níveis de gravidade. (Khoury *et al.*, 2014, p.12,13).

Crianças com TEA podem apresentar problemas de comportamento.

Listamos alguns a seguir:

- Comportamentos motores estereotipados e repetitivos. Exemplo: Pular, balançar, fazer movimentos com os dedos e/ou mãos, fazer careta, bater palmas, entre outros.

- Comportamentos disruptivos, como rituais e rotinas, interesses restritos, aderência rígida a uma regra, entre outros (Khoury *et al.*, 2014, p.18).

A análise do comportamento aplicada, em inglês (Applied Behavior Analysis-ABA), tem o intuito de entender como se dá a interação de cada indivíduo, com o objetivo de entender as ações e habilidades do espectro autista, a fim de criar estratégias de adaptação.

Estudos baseados em evidências mostram que crianças com TEA, na grande maioria dos casos, não aprendem pelos métodos de ensino tradicionais. Estudos anteriores, quando ainda não era discutida com tanta veemência a prática escolar inclusiva, já alertavam que crianças diagnosticadas com TEA não conseguiam manter a atenção, responder a instruções complexas nem manter e focar a atenção em diferentes tipos de estímulos simultâneos (por exemplo, visual e auditivo), e que, desse modo, precisavam de estratégias específicas e diferenciadas de intervenção de ensino. (Khoury *et al.*, 2014,p.22).

Achei interessante ressaltar esse trecho pois algumas pessoas ainda acreditam que não seja necessário políticas públicas de inclusão, quando na verdade as crianças com TEA estão totalmente perdidas e desvinculadas da sala de aula pelo baixo entendimento e a dificuldade em acompanhar aulas tradicionais direcionadas para alunos ditos “regulares”.

Uma abordagem que contribuiu expressivamente com a melhora de problemas de comportamento de crianças e adolescentes com TEA e, conseqüentemente, com a adaptação psicossocial é a Análise Aplicada do Comportamento (Applied Behavior Analysis – ABA), e mais especificamente o método de instrução programada da Análise do Comportamento. (Khoury *et a.*, 2014, p.25).

Dois princípios básicos da Análise Aplicada do Comportamento são:

Entender comportamentos como uma relação entre eventos: o comportamento propriamente dito e os eventos ambientais denominados de estímulos antecedentes (que antecedem o comportamento) e eventos conseqüentes (que seguem o comportamento e que mantêm uma relação funcional com o comportamento). Para que ocorra a modificação de comportamento é necessário que haja intervenção alteração no ambiente

em que o indivíduo está inserido (os estímulos antecedentes e consequentes) (Khoury *et al.*, 2014, p.26).

Devido à escassez de informações e métodos profissionalizantes disponibilizados os professores ainda têm dificuldades em se trabalhar com alunos autistas, principalmente em mantê-los em contatos direto e interessados na aula, sendo assim ficamos a pensar qual seria a melhor forma de inclui-los em sala.

1- Uso de instruções claras, diretas e simples para cada tarefa orientada: Vejamos o seguinte exemplo: Quando a professora diz aos alunos: “Abram o caderno, copiem o que estou escrevendo na lousa, leiam o enunciado e realizem as seguintes questões”, crianças com desenvolvimento típico podem não apresentar, em sua maioria, problemas para entender e realizar várias instruções simultâneas, mas uma criança com autismo pode ainda estar tentando entender a primeira ou a segunda parte do que a professora disse, não realizando com sucesso o que foi pedido. Logo, é importante que se divida uma instrução complexa em várias instruções simples. (Khoury *et al.*, 2014, p. 43).

2- Uso de estímulos visuais para o estabelecimento de rotina e instruções. Utilize cartazes e figuras que orientem a criança em relação às tarefas e às atividades que ela precisa realizar ou a determinados tipos de comportamento em que ela deve se envolver, como, por exemplo, permanecer sentada.3) Ensino de comportamentos de obediência a regras. Crianças com desenvolvimento atípico, como no caso dos TEA, também entendem instruções e regras. Muitas vezes, profissionais, pais e cuidadores não exigem nem se organizam para que crianças com TEA cumpram regras. Muitas vezes, acreditam que, pelo fato de uma criança ter autismo, ela não precisa seguir regras como as outras crianças, e deixam que decida o que quer fazer. Crianças com TEA devem ser treinadas para o cumprimento de regras. (Khoury *et al.*, 2014, p.44).

## 5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste projeto será a pesquisa de campo exploratória com a técnica da entrevista. A pesquisa de campo é uma das etapas da metodologia científica de pesquisa que corresponde à observação, é realizada por quem quer pesquisar diretamente de onde acontece o fato. Ela também define os objetivos e hipóteses de pesquisa, assim como define a melhor forma para coletar os dados necessários, como o uso de entrevistas ou questionários avaliativos, que darão respostas para a situação ou problema abordado na pesquisa. Na pesquisa de campo cabe ao pesquisador realizar a observação do objeto de estudo e como ele se comporta em seu ambiente real. Além da observação que é uma peça-chave nessa pesquisa.

A pesquisa exploratória é o tipo de pesquisa que tem como objetivo o aprofundamento do conhecimento do pesquisador sobre o assunto estudado. Ela serve como base para pesquisas futuras. Que será feita na Escola Pingo de Ouro. “Pesquisa exploratória é toda pesquisa que busca constatar algo num organismo ou num fenômeno. Ex: saber como os peixes respiram.” (Silva, 2015, p. 205).

A entrevista é um método de coleta de dados que permite ao pesquisador um contato direto com o grupo estudado. Ela, como qualquer base de dados, se torna mais eficiente quando o universo de respostas obtidas se torna maior. Serão entrevistadas 3 pessoas na próxima etapa do percurso, a coordenadora da educação infantil Iris Santana e o coordenador do fundamental II e ensino médio Diêgo de Souza e a professora Edsana Santos.

Para cada técnica há caracterização e forma de aplicação, incluindo a codificação e tabulação dos dados. Nas ciências comportamentais, emprega-se frequentemente a entrevista, constituída por uma lista de indagações que, quando respondidas, dão ao pesquisador as informações que ele pretende obter. (Silva, 2015, p.56).

Para melhor nos familiarizarmos com o assunto abordado, entrevistei Priscilla, que é psicopedagoga, mãe de autista e formada em Letras. Fazendo as seguintes perguntas:

1-Como você define o autismo?

- Dentro do que conheço e vivo hoje, defino como uma condição que pode afetar o psicológico, cognitivo, assim como diversas áreas da vida social do indivíduo, trazendo alguns prejuízos.

2-Como se sente sendo mãe de uma criança autista? O que muda, e quais são as dificuldades?

- Como mãe de autista, estou sempre alerta, sempre preocupada, sempre vigilante, porque em alguns momentos meu filho tem algumas necessidades e essas necessidades mudam com o tempo, quando ele tinha 2 anos ainda fazia suas necessidades na fralda e era normal, e eu estava sempre preocupada em como fazer ele ir ao banheiro sozinho, e hoje com 6 ele já vai, mas só passou a ir a partir dos 5, é estar sempre alerta com as necessidades. Além de não criar muitas expectativas, se ele gostar de estudar vai ser ótimo, mas se tiver dificuldades de aprendizagem vamos saber lidar também.

3-Como você gostaria que seu filho fosse educado? Numa escola especial ou incluído no ensino “regular”?

- Eu particularmente não gosto do termo escola especial, até porque ele não vai viver em um mundo especial, ele vai viver em sociedade, e se houver condições ele vai namorar, fazer faculdade, construir família, não existe um mundo especial para autistas, são as pessoas da sociedade que precisam entender que o autismo é diferente, desde criança a escola deve ensinar que o diferente é comum, respeitando as particularidades do outro. Então eu acho que sim, que a escola ideal é a regular, com os suportes necessários para cada um, mas sempre em escola regular, acredito que escola especial restringe as oportunidades de convivência em sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN Psychiatric Association. DSM-V: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 2008. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/qual-a-importancia-do-diagnostico-precoce-do-autismo/#:~:text=Diagnosticar%20precocemente%20o%20autismo%20ajuda,%C3%A9%20estimulado%20a%20se%20desenvolver.Acesso em;20.mar2023>
- Autismo e realidade. Uma a cada 44 crianças é autista, segundo CDC.2022. Disponível em, <https://autismoerealidade.org.br/2022/02/04/uma-a-cada-44-criancas-e-autista-segundo-> acesso em 10 mar 2023
- BELISÁRIO, JÚNIOR, J.F. , A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escobar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará,2010.
- BOSSA, Nadia. A. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico**. 1.ed. Porto Alegre:Artes Médicas, 2002,28 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. Decreto 6.571, de 17 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil-03/-Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm> acesso em 10 jun 2023.
- BRASIL, Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)>. Acesso: 11 ago 2022.
- FERNANDES, Fátima Rodrigues. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/pnee-2020/inclusao> Acesso em 09 de fevereiro de 2023
- KHOURY, Laís, et al. **Manejo comportamental de crianças com transtorno do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a professores** São Paulo, Memnon,2014
- MARQUES, Airton Silva. **Metodologia da Pesquisa**, 2ª edição, Fortaleza-Ceará, UECE, 2015.
- MARTINS, Everton. Entrevista: **Técnica de coleta em pesquisa qualitativa**. Blog PPEC, Campinas, v.8, n.1, ago. 2018. ISSN 2526-9429. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/blog/index.php/2018/08/15/entrevista/>>. Acesso em: dia mês abreviado ano.
- Quero bolsa-. Técnicas de Intervenção Psicopedagógica: veja o que é, objetivos e tipos de abordagens Intervenção psicopedagógica. São

Paulo. Disponível em <https://querobolsa.com.br/revista/intervencao-psicopedagogica#:~:text=A%20interven%C3%A7%C3%A3o%20psicopedag%C3%B3gica%20%C3%A9%20um,dificuldades%20no%20processo%20de%20aprendizagem>. Acesso em 19 jun 2023.

SILVA, Ezequiel Pereira. O AUTISMO E A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA ESCOLA. Análise a cerca do Autismo e a intervenção psicopedagógica na escola. Aspectos cognitivo, social e afetivo, 2020. Disponível em:

<https://institutoneurosaber.com.br/intervencao-pedagogica-em-casos-deautismo/#:~:text=As%20interven%C3%A7%C3%B5es%20pedag%C3%B3gicas%20no%20autismo%20visam%20assegurar%20o%20acesso%20ao,as%20necessidades%20de%20cada%20crian%C3%A7a> acesso em 15 set 2022. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/blog/index.php/2018/08/15/entrevista/>